

O turismo e a reconstrução da etnicidade em uma arena turística¹

Rita Lourdes Michelin²

Rafael José dos Santos³

Universidade de Caxias do Sul - UCS

Resumo

O presente artigo versa sobre o processo de reconstrução da etnicidade *italiana* na arena turística do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra - RS. Busca-se demonstrar o processo de reconstrução que a etnicidade sofre por influências geradas pela atividade turística. Sendo assim, serão analisadas questões acerca das influências internas e externas que a cultura de um grupo pode sofrer. Voltando-se à questão do turismo, analisa-se, sob um olhar antropológico, de que maneira a relação entre visitantes e visitados colabora na reconstrução da etnicidade de uma comunidade. Para tal, utilizou-se como metodologia a etnografia com observação participante, tendo por objetivo perceber a etnicidade da comunidade local, a partir da visão dos próprios moradores em seu cotidiano e em suas relações com os visitantes.

Palavras-chave

Turismo; cultura; etnicidade; Caminhos de Pedra – Rio Grande do Sul.

O turismo, por ser interdisciplinar, está ligado a diversas áreas científicas, incluindo a Antropologia. Tanto a Antropologia quanto o turismo

[...] tentam identificar e entender a cultura e a dinâmica humana. Uma vez que o turismo é um conjunto global de atividades que cruza muitas culturas, precisamos de um conhecimento mais profundo sobre as conseqüências de interação entre as sociedades que geram e que recebem turistas (BURNS & HOLDEN, 1995 *apud* BURNS 2002, p.92).

De acordo com Banducci (2001), a Antropologia hesitou em estudar o turismo porque os antropólogos acreditavam que se o fizessem seriam considerados como exploradores dos nativos, equivalendo-se, assim, aos turistas. Outro fator que contribuiu para a hesitação em estudar o turismo foi porque os antropólogos ainda não estavam cientes do papel que o turismo começava a apresentar na sociedade moderna. No entanto, na década de 1960 iniciam os estudos através da Sociologia e da Antropologia voltados ao turismo. O primeiro artigo tratando do assunto é datado de 1963, com

¹ Trabalho apresentado ao GT “Turismo, antropologia e inovação” do V Seminário de Pesquisa do MERCOSUL – Caxias do Sul 27 e 28 de Junho de 2008.

² Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul – UCS. Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica do RS – PUCRS. Endereço eletrônico: rita.michelin@gmail.com

³ Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia Social, Bacharel em Ciências Sociais. Professor do Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. Endereço eletrônico: rafael@cipnet.com.br

autoria de Theron Nuñez (BANDUCCI, 2001, p.24).

Tanto Banducci (2001) quanto Burns (2002) afirmam que os primeiros escritos antropológicos acerca do turismo tratavam esse como danoso e abordavam principalmente os problemas gerados pelo turismo culpando-o pelas mudanças nas sociedades. Entretanto Burns (2002, p.117) alerta:

o turismo não é automaticamente a principal causa da mudança, mas apenas um entre diversos canais para a transmissão de novas idéias. Seria igualmente ingênuo, contudo, negar o papel que o turismo pode ter na precipitação ou aceleração da mudança rápida.

Segundo Ortiz (2000), através da globalização o processo de reconstrução cultural torna-se cada vez mais amplo, sofrendo influências de todas as partes do mundo, seja através dos meios de comunicação, da interação entre os sujeitos, do turismo, dentre outros. São mudanças resultantes do sistema cultural e sua dinamicidade, sendo algumas provenientes dos efeitos da globalização, não sendo o turismo o único responsável por essas mudanças. Sabe-se, por outro lado, que o processo de reconstrução cultural deriva de vários fatores de influência, sendo o turismo apenas um deles. Então para compreender as contribuições do turismo nas mudanças de determinada cultura, é necessário um estudo longitudinal de longa duração, conforme apresentado por Burns (2002), ou seja, um estudo etnográfico, de vivência com a comunidade a ser estudada, compreendendo as teias de significados das relações e, assim, podendo analisá-las.

Nos estudos antropológicos voltados ao turismo, apresentava-se uma preocupação por parte dos antropólogos quanto ao turismo que se desenvolvia nas sociedades, promovendo mudanças, apontando para a relação existente entre os turistas e a comunidade local (visitantes e visitados). Valene Smith afirma que as culturas locais estão, provavelmente, diante de dois caminhos, tendo que optar entre

(1) controlar e restringir deliberadamente o turismo para preservar sua integridade cultural e econômica, ou (2) estimular no possível o turismo por considerá-lo um objeto econômico desejável e reestruturar sua cultura de tal maneira que esta possa absorver o fenômeno turístico (SMITH, 1989, p.38, tradução minha).

Isso estaria relacionado às tensões entre moradores locais e visitantes, ocasionadas pelo grande fluxo de turistas em uma determinada localidade. Smith (1989, p.36-37) afirma que a variação da frequência de visitantes em um local indica as relações com os visitados. Quanto menor o número de turistas, menor as interferências

desses na cultura visitada e maior o contato com a população local. Por outro lado, quanto maior o número de visitantes, maior as interferências e menor a interação com os visitados. Conforme Burns (2002, p.128), nessa relação há uma transferência cultural que “[...] caracteriza-se por uma transformação temporária no comportamento do anfitrião, apenas durante o encontro ou interação entre anfitriões e convidados”

Santos e Barretto (2006) relatam em seu artigo a visão que alguns autores tinham de que a relação existente entre diferenciadas culturas resultava em aculturação e impacto cultural e que a cultura era concebida como um sistema fechado. “Ao falar de processos de aculturação estamos reconhecendo a diversidade cultural. Se todas as culturas fossem iguais, a aculturação não existiria” (BARRETTO, 2007, p. 24, tradução minha).

Todavia, os termos *aculturação* e *impactos* nesses estudos da Antropologia voltados ao turismo, atualmente, apresentam problemas, pois não abrangem a totalidade e a dinamicidade cultural. A aculturação era apresentada como o contato de duas diferentes culturas que resultava em mudanças em ambas. “As discussões contemporâneas vinculando cultura e turismo tem incorporado novos conceitos aos de aculturação e impacto. Reflexividade, dialogismo, cosmopolitismo, hibridismo cultural e limites aceitáveis de troca são alguns deles” (BARRETTO, 2007, p.53, tradução minha). Entretanto, atualmente, uma perspectiva mais produtiva concebe tais processos em termos de *hibridismo cultural*. Desta perspectiva a relação entre duas culturas diferenciadas resulta em uma terceira cultura, pois há uma troca cultural modificando-a. Sendo assim, as mudanças ocorrem nos traços culturais que são trocados através dessa relação. Por meio do hibridismo, segundo Santos e Barretto (2006), fica implícito que a cultura é um processo dinâmico não podendo ser considerada um sistema fechado.

Nos estudos de turismo, durante praticamente quarenta anos, predominou como uma grande narrativa o paradigma conceitual de aculturação. Conceitos como hibridismo cultural, reflexividade e cosmopolitismo podem, no entanto, contribuir melhor para a explicação dessa complexa relação entre turistas e populações residentes (SANTOS e BARRETTO, 2006, p. 259).

Canclini (2003, p.XIX) entende por hibridação os “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”, não podendo ser considerados como fontes puras, por sofrerem influências.

Percebe-se que no hibridismo a modernidade e as tradições tendem a se articular, os traços diferenciados passam a fazer parte dos traços culturais já conhecidos, tornando-se, assim, parte da tradição de um determinado povo. Segundo Barretto (2007, p.55), analisando Bhabha (2002), “[...] as culturas que se encontram não se subordinam, mas que há mediações e traduções que resultam em um processo de construção de uma nova cultura, com trocas de significados”.

A relação existente entre a comunidade local e os turistas “[...] varia em cada caso, em função de uma série de circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis, o que obriga os investigadores a terem muito cuidado antes de generalizar” (BARRETTO, 2007, p.58), pois essa relação difere em função de diversos fatores, inclusive a visão que a comunidade local tem acerca dos turistas. Por esse motivo, acredita-se na necessidade de estudos de caso nos quais seja possível interpretar e analisar a relação entre visitantes e visitados e os resultados dessa, principalmente do ponto de vista do visitado.

Na atualidade, se pode dizer que a relação entre visitantes e visitados varia dentro de um amplo espectro, desde situações de contato zero até situações de intimidade dentro de casa ou da aldeia, desde situações de simpatia e criação de laços de amizade até situações de hostilidade (BARRETTO, 2007, p.81).

Percebendo essas formas de relações entre visitantes e visitados, optou-se por estudar no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, no qual a relação entre visitantes e visitados ocorre de diferentes formas dependendo da casa visitada. Procurou-se analisar de que forma a etnicidade dos moradores é influenciada pelo turismo no processo de reconstrução, sendo essa análise realizada através da relação entre visitantes e visitados.

Pozenato (2003), lembra que é preciso analisar um processo cultural dentro de um processo histórico para poder compreendê-lo, pois

Ele estando dentro de um processo de história ele se transforma. É importante saber identificar que fatores podem determinar transformações culturais, mudanças culturais. Que fatores, ao introduzir mudanças culturais, respeitam a identidade, fazem modificações, mas não destroem o significado cultural, e que fatores, ao interferir numa cultura, destroem essa identidade (POZENATO, 2003, p.30).

Sendo assim, é preciso analisar o turismo nas relações entre visitantes e visitados como um fator que pode influenciar nas mudanças culturais, podendo essas mudanças virem a ser positivas ou negativas, dependendo do local e da forma com que a atividade

turística é desenvolvida e da maneira como ocorre a relação entre visitantes e visitados.

Segundo Wainberg (2003), trabalhando com a visão de Taylor (2001), tem-se que uma das grandes potencialidades da comunicação através do turismo é que o visitante e o visitado estão em uma área de contato.

A comunicação turística é sempre mediada por artefatos do outro. Nós vivemos num mundo que é materialmente heterogêneo. Sua exposição pelo nativo e o desejo do turista de vislumbrar tais acervos refletem o encontro de alteridades. Um encontro com diálogo constrangidos, limitados pela própria natureza desta indústria. Neste andar apressado, consomem-se marcas, imagens, significações empacotadas, narrativas agendadas por roteiros pré-moldados (WAINBERG, 2003, p.76).

Essa comunicação ocorre através das relações interpessoais favorecidas pelo turismo, relações entre visitantes e visitados, nas quais a comunicação entre ambos pode influenciar no processo de reconstrução cultural e na representação dessa aos visitantes e para os próprios moradores locais.

Sendo assim, busca-se perceber esses fatores existentes na relação entre moradores locais e turistas no Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra a fim de compreender o processo cultural atual e suas interferências provenientes do processo turístico nesse local.

Etnicidade em uma arena turística

A natureza, a crença religiosa, os esportes, a herança cultural, a identidade e a etnicidade, dentre tantos outros, são utilizados como atrativos pela atividade turística. Se uma das motivações do turismo é a busca do exótico, do diferente, do outro, esse fato pode levar o visitado a

[...] se apresentar de acordo com o exotismo requerido pela perspectiva turística a fim de serem atrativos no mercado turístico. Devem ter sinais diacríticos a exibir, a serem consumidos nesse amplo mercado. A construção, promoção ou fortalecimento de sinais diacríticos que caracterizam (que definem culturalmente) um povo é o próprio âmbito da etnicidade (GRÜNEWALD, 2004, p. 02).

Dessa forma, a etnicidade está no contexto da identidade dos visitados. Estes buscam os sinais diacríticos de sua identidade, reconstruindo-os e renovando-os de acordo com a demanda turística e, assim, valorizando a sua etnicidade como um produto turístico. Segundo Barth (1998), a etnicidade se define nas fronteiras, ou seja, quando há o contato entre dois grupos diferenciados, as fronteiras desses definem a sua etnicidade. Dentro de um grupo o conteúdo, os traços culturais, podem se modificar, todavia a

etnicidade continua a mesma sendo percebida através dos sinais diacríticos das fronteiras.

De acordo com Grūnewald (2004), Nelson Graburn percebe a etnicidade como a construção identitária em que se tem a comunicação como um dos acessos ao outro. Ainda interpretando esse autor, Grūnewald (2004) afirma que uma identidade pode buscar renovar as tradições baseada em um período anterior de uma cultura, ou mesmo buscando traços culturais distintos. Segundo Graburn (*apud* GRŪNEWALD, 2004, p.02), símbolos identitários não precisam ser originais de uma cultura, eles podem ser trocados, emprestados e até roubados:

De fato, seria difícil selecionar qualquer cultura ou subgrupo cujos símbolos culturais fossem totalmente de sua própria criação ou de sua própria história. Além disso, tais identidades ‘emprestadas’ são freqüentemente úteis ou funcionais num mundo onde velhos grupos são degradados ou novas categorias e etnicidades estão sendo criadas.

Dessa forma, percebe-se a dinamicidade do processo de reconstrução cultural, no decorrer do qual uma cultura pode absorver traços diferenciados de outras culturas passando a ser característicos também da cultura que os absorveu. Além disso, o que define a identidade de determinado símbolo transplantado de uma cultura para outra é o significado que lhe é deferido:

Quando se copia uma manifestação cultural se copia o signo, não o significado. Descobrir isso é um processo de interpretação permanente. Toda interpretação é uma interpretação, uma leitura sempre sujeita a re-exame, a reformulação, quer dizer, a leitura do significado é sempre um processo em aberto. (POZENATO, 1990, p. 13).

Seguindo essa linha de pensamento, a etnicidade deriva da origem comum que gera vários traços culturais, formando, assim, uma identidade que passa a ser vivenciada como real em determinado momento. Com o passar do tempo, novos traços culturais vão sendo absorvidos e esses passam a fazer parte dessa etnicidade, tornando-se a herança cultural de um grupo. A etnicidade determina

[...] um tipo particular de grau social que se alimenta de características distintas e de oposições de estilos de vida, utilizadas para avaliar a honra e o prestígio segundo um sistema de divisões sociais verticais. Mas essas características distintivas só têm eficácia na formação dos grupos étnicos quando induzem a crer que existe, entre os grupos que existem, um parentesco ou uma estranheza de origem (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.38).

É então essa relação de alteridade entre os visitantes e visitados que faz com que os moradores locais do Roteiro de Turismo Rural Caminhos de Pedra passem a valorizar a sua etnicidade, tornando-a um atrativo turístico, buscando reconstruí-la ou

renová-la. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.124) “[...] a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas”. Ou seja, é através das diferenças culturais e do contato com o outro que a etnicidade se evidencia. Quando há uma comunicação entre diferentes culturas, a identidade étnica se define.

A etnicidade não é vazia de conteúdo cultural (os grupos encontram ‘cabides’ nos quais pendurá-la), mas ela nunca é também a simples expressão de uma cultura já pronta. Ela implica sempre um processo de seleção de traços culturais dos quais os atores se apoderam para transformá-los em critérios de consignação ou de identificação com um grupo étnico (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

Seguindo o embasamento apresentado por Poutignat e Streiff-Fenart acerca da etnicidade, tem-se que essa é dinâmica, estando em constante construção. Neste caso fica implícita “[...] uma concepção dinâmica e processual de cultura, já não mais concebida como sistema fechado” (SANTOS e BARRETTO, 2006, p.246).

O processo de seleção dos traços culturais da etnicidade que irão se tornar mais característicos de um grupo pode ocorrer objetivando a interação com o turismo: “trata-se de uma ‘eticidade-para-turismo’ na qual culturas exóticas figuram como atração chave, onde os nativos se esforçam ‘para satisfazerem a demanda turística ou para fazer-se-nativo-para-turista’” (MACCANNEL, 1992 *apud* GRÜNEWALD, 2004, p. 03). Neste caso “[...] o turismo promove a restauração, preservação e a recriação de atributos étnicos” (*ibid*, p.03).

Rodrigo Grunewald (2004) apresenta em suas pesquisas, a forma com que os índios Pataxó e os Potiguara, de Coroa Vermelha na Bahia, desenvolveram o turismo voltado às suas culturas. Os índios não querem integrar-se totalmente ao desenvolvimento regional, tendo a necessidade de reforçarem a sua *indianidade*, nesse ponto o turismo surge como uma forma de reforço. O autor demonstra como os índios buscaram a renovação e o fortalecimento da sua identidade étnica produzindo uma cultura diante do contexto turístico. Essa “é uma cultura que não obedece mais a lógicas ancestrais e relativas aos mitos de origem ou coisa parecida [...]” ela recebe influências de uma “[...] dinâmica pós-moderna, globalizada, informada por fluxos translocais de cultura [...]” (GRÜNEWALD, 2004, p.17), sendo organizada de acordo com contextos específicos.

Assim como ocorre com os índios Pataxó, pode-se dar como exemplo a

italianidade, ou seja, a reconstrução da etnicidade italiana gerada pelo desenvolvimento do turismo, sendo uma forma de reconstrução da cultura. “Essa cultura à qual diz respeito a leitura que imigrantes fazem hoje do passado. Elegem no passado os pilares que dão sustentação para o ideal de cultura italiana, que corresponda às aspirações atuais, ‘modernas’, do que é ser italiano” (SAVOLDI, 2001, p.90).

O mesmo que Rodrigo Grünewald apresenta sobre os índios Pataxó pode ocorrer em outras comunidades. O autor lembra que seria incorreto um turista pensar que irá encontrar os índios, atualmente, vivendo da mesma forma que os índios da época do descobrimento. Assim, seria equivocado o turista acreditar que iria encontrar as pequenas comunidades coloniais da mesma maneira que as encontraria no século XIX, quando da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul.

Seguindo a idéia de Grünewald, através do turismo a reconstrução da etnicidade não é necessariamente negativa, pois contribui para restaurar traços culturais que estavam se perdendo. Essa reconstrução contribui para a valorização da etnicidade e da identidade de um grupo. No entanto, essas não são reconstruídas da mesma forma que ocorria em gerações passadas, pois há uma transformação, um contato com outras culturas e a absorção de traços diferenciados, formando assim determinada etnicidade que não deixa de ser original, mas também não se trata de uma etnicidade totalmente nova.

No caso estudado, do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, muitos traços culturais “italianos” foram se alterando com o passar do tempo. Entretanto, isso não significa que os descendentes dos imigrantes italianos perderam a sua etnicidade. Mesmo absorvendo outros traços culturais, mantêm traços étnicos particulares.

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo [...] que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como “étnicos” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998, p.129).

A identidade de um grupo, assim como a etnicidade, é relacional, ela depende de influências externas para ser tal identidade, ou seja, ela precisa de outra identidade para se diferenciar. “A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p.09).

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da

outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (WOODWARD, 2000, p. 41).

É também a partir das diferenças que se reconstrói a identidade étnica. Por meio da comunicação se evidenciam as diferenças e se estabelecem fronteiras étnicas.

[...] dentro desses fatores que interferem nas mudanças culturais, na questão das trocas entre culturas, não vamos encontrar maiores dificuldades de compreensão, nem traumas culturais, porque esse processo se faz dentro de uma dinâmica em que os significados vão sendo reconstruídos, na medida em que os elementos vão sendo tomados de empréstimo (POZENATO, 2003, p.33).

De acordo com Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.156), “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e, contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”, pois os traços que esses adotarem de outro grupo podem ser os mesmos, no entanto, podem ser atribuídos significados diferenciados do que se tinha no grupo anterior. Sendo a identidade étnica realçada por meio de um rótulo étnico como forma de identificação “é apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como ‘étnicos’” (*Ibid*, p.167).

O turismo, na medida em que supõe contato, pode levar as diferenças culturais a se tornarem um atrativo em uma arena turística, que é o “[...] espaço social onde ocorrem interações geradas pela atividade turística” (GRÜNEWALD, 2004). Podemos detectar etnicidade e identidade étnica nesses casos, igualmente legítimas na medida em que “é legítima e autêntica na medida em que autênticos e legítimos são os turismos nesses espaços sociais” (GRÜNEWALD, 2004, p.05). Essa noção de arena turística, apresentada por Grunewald pode ser aplicada ao Roteiro Cultural Caminhos de Pedra da seguinte forma: sujeitos de *comunidades étnicas* inserem-se nas atividades turísticas, juntamente com outros membros, dando origem a uma *comunidade turística*; as fronteiras desta comunidade podem ter a mesma amplitude da arena turística, que é o local no qual é desenvolvida a experiência turística. Então os membros da comunidade turística, que são os envolvidos no turismo juntamente com os demais da comunidade étnica, formam uma *comunidade etnoturística*.

Dessa forma, o Distrito de São Pedro, juntamente com as comunidades de Santo Antônio e Santo Antoninho, formam uma comunidade etnoturística na qual os membros

que se inserem na atividade turística podem ser considerados membros de uma comunidade étnica, e o roteiro, que é o espaço no qual há a interação gerada pelo turismo, como a arena turística.

O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra - RS

O Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra está localizado na zona rural do município de Bento Gonçalves - RS, na Serra Gaúcha, distante 109km da capital Porto Alegre.

No final da década de 1980, deu-se início a um levantamento do acervo arquitetônico do interior do município de Bento Gonçalves. Através desse levantamento, realizado em 1987, constatou-se que o Distrito de São Pedro era o que possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos, além de ser de fácil acesso. A partir desse levantamento, deu-se início a elaboração do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, que teve por objetivo o resgate da herança cultural dos moradores da Linha Palmeiro, no Distrito de São Pedro. Esse projeto inicial foi desenvolvido pelo arquiteto Julio Posenato e recebeu financiamento da iniciativa privada, através do Sr. Tarcísio Michelin, para o desenvolvimento turístico do roteiro.

De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores percebeu-se o potencial turístico da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material para que não fosse abandonado ou destruído. Sendo assim, a partir do início da década de 1990, tendo como idealizadores um engenheiro e um arquiteto, o projeto volta-se ao turismo como uma alternativa para manter o patrimônio cultural material e reconstruir a herança cultural dos moradores locais. A primeira casa a receber um grupo de turistas foi a Cantina Strapazzon, no dia 30 de maio de 1992. Os turistas eram provenientes de São Paulo e vieram através da Operadora CVC.

Pelo sucesso do roteiro, em 10 de Julho de 1997, com assessoria do Sebrae, fundou-se a Associação Caminhos de Pedra, visando auxiliar na reconstrução do patrimônio cultural da localidade tanto no aspecto arquitetônico quanto das tradições e da língua: o dialeto *talian* ainda é muito utilizado por parte dos moradores, o que conota um sinal diacrítico de identidade. O projeto buscava, portanto, valorizar a etnicidade da população local. No ano de 1998 o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a contar

com a Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (Lei 10.846 de 19/08/1996), através de aprovação pelo Conselho Estadual de Cultura, passando a captar recursos de empresas locais.

Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, os moradores do Distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruir sua etnicidade, valorizando alguns traços de suas tradições que estavam se perdendo, com objetivo de compartilhá-los com os visitantes. As casas ainda mantêm algumas características, originais ou recuperadas, das construídas pelos imigrantes italianos. Na sua grande maioria, são casas de pedra ou então com o porão de pedra e o restante da casa em madeira, característica típica das construções dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. Antes da implementação do projeto, algumas casas estavam se degradando e ficando descaracterizadas. Algumas haviam sido rebocadas, pois ter uma casa de pedra era sinônimo de vergonha e de estar parado no tempo, segundo os moradores. Por meio de recursos recebidos pelo projeto, o reboco foi retirado e as casas restauradas, retomando assim as suas características básicas originais para serem abertas à visitação.

O roteiro recebe uma visitação média anual de 50.000 turistas⁴. Atualmente o roteiro conta com 10 pontos de visitação e 52 pontos de observação externa. Os atuais estabelecimentos de visitação são: Casa dos Doces Predebon; Restaurante Nona Lúdia – Casa Bertarello; Il Cantuccio Del Pomodoro e Della Gasosa (Casa do Tomate); Atelier Bez Batti – Casa Gilmar Cantelli; Casa da Ovelha / Hotel Cavalet; Casa do Artesanato; Casa Vanni - Restaurante e Tecelagem; Cantina e Casa Strapazzon; Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena; Casa da Erva-Mate.

As casas do roteiro comercializam produtos elaborados nos próprios estabelecimentos, sendo alguns característicos de cada casa e também produtos de outros moradores da comunidade, não ligados diretamente à atividade turística. Nos termos de Grünewald (2004) constitui-se, portanto, uma comunidade etnoturística. Conforme apresentado anteriormente, de acordo com Grünewald (2004) a comunidade etnoturística é a união dos membros da comunidade turística (envolvidos diretamente com o turismo) e os membros da comunidade étnica (indiretamente ligados ao turismo).

O que é apresentado no Projeto Cultural Caminhos de Pedra é que se busca, através de uma reconstrução da herança cultural, também a reconstrução daquela italianidade dos descendentes que estava se perdendo com o tempo, tendo o turismo

⁴Dados fornecidos pela Associação Caminhos de Pedra. Referente ao ano de 2005.

como um meio para auxiliar nesse processo.

Considerando a influência do turismo

Sabendo, então, que a etnicidade e a identidade de uma comunidade podem sofrer influências, alterando-se com o passar dos tempos por serem dinâmicas assim como a sua cultura, buscou-se melhor avaliar a situação encontrada, através da etnografia, com os moradores do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra no município de Bento Gonçalves - RS.

Para analisar a influência do turismo no processo de reconstrução da etnicidade dos moradores do Roteiro Caminhos de Pedra, um dos autores permaneceu durante dois meses no roteiro realizando observação participante e etnografia com os visitados. Por meio dessa metodologia, percebeu-se que a etnicidade dos moradores do roteiro encontra-se em um constante processo de reconstrução, sendo um processo dinâmico que sofre influências externas, seja pelos meios de comunicação, pelo turismo – quando se dá o contato com o outro -, seja pelo processo de modernização e transformação no qual nenhuma cultura é estática. Percebemos no caso estudado grande influência por parte do desenvolvimento da atividade turística para a motivação no processo de reconstrução da etnicidade italiana local, transformando esta em um atrativo turístico.

Antes do início do turismo no Distrito de São Pedro, os moradores locais tinham vergonha da sua etnicidade. No entanto, depois que começaram as relações com os visitantes de diferentes culturas, as quais apresentavam diferenciados traços, passaram a valorizar e a buscar a reconstrução de sua etnicidade que estava se perdendo, principalmente quando notaram essa valorização por parte dos turistas que chegam até o roteiro. Nesse ponto, então, o turismo vem agregar valor a italianidade dos moradores locais passando a ser também um atrativo para os visitantes.

A etnicidade cultural dos descendentes de italianos do Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra, pode ser considerada atualmente como autêntica na medida em que detém traços culturais étnicos característicos de seus antepassados, assim como os traços culturais atuais das novas gerações, formando assim a etnicidade cultural dessa comunidade. Tanto a etnicidade quanto a identidade são únicas e dinâmicas e sofrem influências internas e externas, além de interpretações, conforme apresentado por Geertz (1978), que emergem e ocorrem dentro do contexto cultural, aí

incluídos os pesquisadores. Sendo assim, a interpretação aqui apresentada é a que se obteve através da convivência tanto com os moradores locais quanto com os turistas, a percepção e interpretação da relação existente entre eles e de que forma o turismo vem a ter grande influência no processo de reconstrução etnicidade dos moradores locais.

Lembrando o apresentado por Barth (1998), para quem as fronteiras étnicas são construídas através do contato com o outro, percebe-se no turismo a existência dessas fronteiras, nas quais os sinais diacríticos de ambos os grupos em contato são evidenciados e valorizados, da mesma forma que ocorrem as trocas culturais. Percebe-se o hibridismo cultural, conforme apresentado por Canclini (2003), assim como por Santos e Barretto (2006), que por meio das trocas as culturas sofrem alterações dos seus traços, estando em constantes transformações, sendo as influências internas ou externas.

No Roteiro Caminhos de Pedra, percebe-se a absorção de traços culturais de outras culturas como, por exemplo, o costume de tomar o chimarrão, vindo da cultura indígena. Esse traço cultural, absorvido pelos primeiros imigrantes chegados ao Rio Grande do Sul, se tornou característico da italianidade étnica dos seus descendentes. Além disso, também é possível a absorção de traços culturais provenientes da globalização. Traços característicos da modernidade, que passaram a fazer parte do cotidiano dos moradores do Distrito de São Pedro, como por exemplo, o uso de internet e telefone celular. Sendo assim, o hibridismo cultural é perceptível em diversas culturas, lembrando que a partir do momento que os símbolos recebem um novo significado em uma cultura passam a ser traços culturais característicos dela.

Então, no Roteiro Caminhos de Pedra, a vergonha gerada pela herança cultural, influenciada pelo avanço da modernidade, foi fator contribuinte para o “esquecimento” dessa herança. Entretanto, através do turismo buscou-se reconstruir essa herança valorizando a etnicidade e a identidade cultural dos descendentes de italianos, sendo reconhecida pelos moradores locais através do desenvolvimento da atividade turística e pela valorização por parte dos visitantes. A comunicação existente entre a comunidade receptora e os turistas foi um dos fatores de interferência nas representações e, principalmente, no processo de reconstrução cultural da etnicidade, a italianidade, dos moradores da arena turística do Roteiro Caminhos de Pedra.

Sendo assim, no caso apresentado, o turismo foi uma das alternativas para a reconstrução da etnicidade da população local, pelo fato de que ela não reconhecia a

importância do seu patrimônio cultural. Somente a partir do momento em que o turismo passou a fazer parte da realidade do Distrito de São Pedro, e que os turistas demonstraram interesse pela cultura local, é que os moradores perceberam a importância e passaram a valorizar todo o patrimônio cultural de que são detentores, além de buscar a reconstrução de traços culturais de seus antecessores que vinham se perdendo ao longo do tempo.

No Roteiro de Turismo Rural Cultural Caminhos de Pedra a *italianidade* da comunidade local que é apresentada aos turistas é a autenticidade do cotidiano dos visitados, sendo a cultura dos moradores do Distrito de São Pedro, no início do século XXI, um constante processo de reconstrução que é, entre outras dimensões, um dos principais atrativos do roteiro.

Referências

BANDUCCI, Álvaro Jr. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: BANDUCCI, Álvaro Jr., BARRETTO, Margarita (orgs). **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETTO, Margarita. Relações entre Visitantes e Visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. In: **Turismo em Análise**, São Paulo. V. 15, N.2, p. 133-149, 2004.

_____. **Turismo y Cultura: Relaciones, contradicciones y expectativas**. El Sauzal (Tenerife. España): ACA Y PASOS, RTPC: 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. Traduzido por: Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002. Tradução de: An introduction to tourism & anthropology.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Traduzido por: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4.ed.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Traduzido por: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Tradução de: The interpretation of cultures.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. **Turismo, cultura e identidade étnica**. 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda – PE. 2004.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

_____. **Processos Culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SANTOS, Rafael J. e BARRETTO, Margarita. Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Hibridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *In: Turismo Em Análise*. Vol.17. n.2. p 244-261. São Paulo: Aleph. 2006.

SAVOLDI, Adiles. A Reconstrução da Italianidade no Sul do Estado de Santa Catarina. *In: BANDUCCI, Álvaro e BARRETTO, Margarita (orgs). Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SMITH, Valene L. **Anfitriões e Invitados. Antropologia Del Turismo**. Traduzido por: Jesús Pardo e Miguel Martinez-Lage. Madrid. Ediciones Endymion, 1989.

WAINBERG, Jacques A. **Turismo e comunicação**: a indústria da diferença. São Paulo: Contexto, 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz T. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.